

## TEORIA CRÍTICA HOJE: COMO PENSAR A EMANCIPAÇÃO EM RELAÇÃO À PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E À CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

### CRITICAL THEORY TODAY: HOW TO THINK ABOUT EMANCIPATION IN RELATION TO POLITICAL PARTICIPATION AND THE CONSTRUCTION OF IDENTITIES

Júlia Silva Lobo Campos<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho exposto busca identificar novas abordagens da Teoria Crítica em relação a temas relevantes para o seu histórico de investigação teórica, concentrado na questão da emancipação e seu relacionamento com a democracia e o capitalismo. Com objetivo de pensar a construção de sujeitos contemporâneos críticos, o artigo trata a teoria da esfera pública de Jürgen Habermas e a visão feminista anticapitalista de Nancy Fraser para refletir as possibilidades de realização de um horizonte social justo, igualitário e emancipado. Através da noção de autonomia e protagonismo dos sujeitos, o debate em torno da participação política e da construção das identidades sociais é apresentado como meio de constatação ambivalente, revelando tanto a crise do sistema capitalista em seu formato neoliberal e a possibilidade de oposição à dominação através da representação de ações humanas revolucionárias e capazes de transformação da realidade contemporânea. A visão filosófica através da lente do movimento feminista sugerida em Fraser é abordada a partir de sua possível complementação e crítica da esfera pública habermasiana para, em seguida, explorar o papel do capitalismo como instrumento e estrutura de dominação social em todas as suas formas de manifestação ao longo da história da humanidade. As crises percebidas nas esferas do meio ambiente, com as mudanças climáticas e aumento do número de refugiados climáticos, da democracia, com ascensão de muitos grupos antidemocráticos na política mundial, e identidade, com afunilamento das pautas de gênero, raça, etnia e sexualidade, evidenciam a própria crise do sistema capitalista como um todo. Dessa forma, compreender como a emancipação pode ter suas fronteiras abertas para realização na realidade contemporânea passa pela investigação desses fenômenos próprios de sua época atual.

**Palavras-chave:** Emancipação; Democracia; Capitalismo; Participação; Identidade.

**Abstract:** The work presented seeks to identify new approaches to Critical Theory in relation to themes relevant to its history of theoretical investigation, focused on the issue of emancipation and its relationship with democracy and capitalism. With the aim of thinking about the construction of critical contemporary subjects, the article deals with Jürgen Habermas' theory of the public sphere and Nancy Fraser's anti-capitalist feminist vision to reflect the possibilities of realizing a fair, egalitarian and emancipated social horizon. Through the notion of autonomy and protagonism of subjects, the debate

---

<sup>1</sup> Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/FCLAr); E-mail: [juliasloboc@gmail.com](mailto:juliasloboc@gmail.com)

around political participation and the construction of social identities is presented as a means of ambivalent observation, revealing both the crisis of the capitalist system in its neoliberal format and the possibility of opposition to domination through the representation of revolutionary human actions capable of transforming contemporary reality. The philosophical vision through the lens of the feminist movement suggested in Fraser is approached from its possible complementation and critique of the Habermasian public sphere to then explore the role of capitalism as an instrument and structure of social domination in all its forms of manifestation throughout the history of humanity. The crises perceived in the spheres of the environment, with climate change and an increase in the number of climate refugees, democracy, with the rise of many anti-democratic groups in world politics, and identity, with the narrowing of gender, race, ethnicity and sexuality, highlight the crisis of the capitalist system as a whole. In this way, understanding how emancipation can have its borders open for realization in contemporary reality involves investigating these phenomena typical of its current era.

**Keywords:** Emancipation; Democracy; Capitalism; Participation; Identity.

## 1. Introdução

O conceito de emancipação, retomado com frequência em discussões teórico-críticas e outras mais áreas de estudo, carrega consigo uma variedade de sentidos e interpretações. Aliadas de acordo com o contexto histórico-social, as definições possíveis do termo adquirem variados significados relacionados com questões relevantes ao momento e formas dominantes de pensamento e estrutura política e social.

A partir da relação íntima com sua realidade social, pensar sobre a emancipação pode evidenciar conflitos próprios de cada época, de maneira que permite a reflexão dos obstáculos e possibilidades de sua realização em uma esfera prática de ação dos sujeitos desse mesmo tempo. Como já elucidado nos *Manuscritos Econômico-filosóficos* de Marx (MARX, 2004, p.114), a palavra emancipação é complexa em si mesma e detém muitos níveis de análise possível da sociedade de seu tempo.

Com foco na esfera do trabalho, passando pelas reflexões de sujeito e razão, até expandir o conceito para demais espaços sociais e problemas da contemporaneidade, entre Karl Marx, György Lukács, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas, a emancipação expande seu território teórico e permite a aparição de muitas formas possíveis a sua prática, proporcionando importantes distinções entre uma análise diagnóstica do tempo e possível construção de horizontes para o futuro (BENHABIB, 1986, p.103).

A partir da relação construída entre democracia e capitalismo no período contemporâneo, a realidade social hoje se apresenta através de intensas redes de informações, manifestações e interesses políticos e econômicos distintos entre si. Com sociedades cada vez mais globalizadas, populosas e desiguais, a realização dos princípios democráticos clássicos entra em divergência com os fundamentos neoliberais disseminados pelo capitalismo e, dessa forma, os conflitos sociais adquirem camadas mais profundas de enraizamento na estrutura dominante.

Como em Habermas, a criação de espaços democráticos pode ser abordada através da análise da autonomia social (HABERMAS, 2003, p.142), sendo o ganho em relação à criação de sujeitos cada vez mais autônomos uma orientação prática da organização desses âmbitos. Pensar em emancipação de modo crítico permite, então, pensar a questão da ação dos sujeitos como meio de entender os dilemas democráticos atuais.

Com Fraser, o pensamento sobre a emancipação é alargado e as noções de justiça nas sociedades contemporâneas transformadas. A partir da noção de participação política e representação (FRASER, 2024a, p.232), a autora compartilha às suas análises uma reflexão sobre as diferenças de gênero na sociedade e permite a realização de estudos mais democráticos e atualizados a respeito da esfera da política (FRASER, 2024a, p.34), pensando no âmbito das tomadas de decisão e arranjos estruturantes desse campo.

A questão se concentra, assim, em entender como uma abordagem crítica de emancipação, democracia e capitalismo pode orientar a sociedade e os sujeitos políticos a pensar e objetivar ações emancipadoras. Estando essas ações aliadas ou em oposição à lógica capitalista, o pensamento crítico compreendido como diagnóstico do tempo presentes e capacidade de transformação de realidade a partir dessa mesma elucida o que pode ser emancipação hoje, suas variedades e como pensá-la em referência à própria realidade.

## **2. A crítica de Nancy Fraser à teoria de Jürgen Habermas**

O filósofo da segunda geração da Escola de Frankfurt, Jürgen Habermas, é nome de extrema importância quando o assunto faz referência à Teoria Crítica hoje e a forma de construir teorias filosóficas de destaque. Através da transformação de paradigma proposta pelo autor com a introdução de estudos da comunicação e sua relevância para compreensão

das relações sociais (HABERMAS, 2022, p.376), Habermas é responsável por ampliar os horizontes da Crítica e a possibilidade de emancipação no contexto do século XX.

A teoria habermasiana da esfera pública e as divisões propostas entre diferentes âmbitos de atuação social colocam Habermas no centro de muitas discussões atuais, seja com complementações possíveis até críticas e déficits encontrados em sua elaboração teórica. Ao diferenciar o que seriam as esferas da vida e do sistema (HABERMAS, 2022, p.104), o autor opera as formas com as quais os sujeitos se relacionam a partir de suas construções subjetivas e objetivas.

De modo a demonstrar uma interação baseada em fins de consenso e sucesso, respectivamente, Habermas exemplifica as transformações da sociedade de sua época em torno do capitalismo, da democracia e do meio doméstico, revelando as relações possíveis entre o âmbito público e privado da vida humana.

Introduzindo a noção do poder jurídico como mediador desses âmbitos (HABERMAS, 1997, p.53), o autor incorpora a noção de uma esfera pública como espaço que correlaciona os desejos das demais esferas. Aquele que por sua própria estrutura permite uma relação entre os cidadãos com maior igualdade e se concretiza como a realização dos procedimentos democráticos em vista dos meios econômicos e administrativos desenvolvidos no período moderno.

A questão da participação social em níveis de igualdade é crucial para que a teoria da esfera pública de Habermas ganhe significado dentro das noções de justiça social e luta contra as desigualdades de seu tempo. Promover um nível de comunicação tal em que distintos sujeitos com distintas opiniões e vontades possam articular meios de atingir soluções para suas realidades se coloca como desafio e propósito simultaneamente, de modo que as esferas sejam moldadas a partir da frequente prática do debate em grau de paridade.

Posicionando-se entre as transformações apresentadas pela estrutura capitalista e o surgimento de novos movimentos sociais, a esfera pública habermasiana representa uma fase importante da Crítica e dos estudos filosóficos com objetivos emancipatórios. Justamente, pois, em meio a todas as mudanças assistidas pelo mundo através do desenvolvimento da mídia e de novos atores sociais, as suas colocações evidenciavam a necessidade da inclusão social de todos aqueles sujeitos à diversos tipos de dominação (HABERMAS, 2018, p.237).

É devido a essas nuances transformativas que sua própria teoria pode recolher pontos de vista diferentes do seu mesmo enquanto autor e, assim, ser alvo de demais considerações

no sentido de entender a obra de Habermas como fruto de seu tempo e posição enquanto sujeito também. A partir de uma nova onda feminista e do crescimento do discurso da identidade como bandeira de muitos movimentos sociais ao redor do mundo que Nancy Fraser pode inserir seus entendimentos de Habermas através de uma lente feminista da teoria da esfera pública e mais temas expressivos de sua época (FRASER, 2024a, p.34).

O tema em torno da participação política se faz também importante para a autora, através da continuidade de sua teoria a respeito da representação e da redistribuição como remédios colocados por Fraser em busca de uma teoria de justiça social que não fosse dividida em dois únicos polos de luta. A percepção filosófica da autora traduz diversos discursos desconsiderados em termos de status social pela divisão econômica e social do final do século XX, que inclui a queda do muro de Berlim, o início do neoliberalismo como potência mundial e a ascensão de movimentos culturalistas da sociedade que se formava.

Entendendo o diagnóstico de seu tempo pelas esferas da cultura, economia e política, Fraser propõe uma visão além da bidimensional para analisar os conflitos e relações sociais e institucionais. Através da noção de paridade de status (FRASER, 2024a, p.196) e da existência de diversos públicos que fazem parte das muitas esferas públicas a autora demonstra como há uma profundidade não alcançada por Habermas em relação aos dilemas da sociedade do período contemporâneo.

A questão está concentrada na noção de poder envolvida nessas interações, e como essas devem levar em consideração aquilo que vem antes do nível da igualdade, o que as diferencia e a estrutura que oficializa essa diferença. Por isso, Fraser aborda a esfera pública habermasiana através da lente do gênero, evidenciando como a diferença entre a construção de papéis femininos e masculinos está na camada mais íntima da dominação social e econômica das sociedades.

A teoria elaborada pela autora apresenta as interferências possíveis do mundo econômico no âmbito doméstico e privado, colocando luz nas ações de diferenciação do dinheiro e da dominação masculina como principais também nas esferas de processos decisórios políticos. Dessa forma, a subordinação de tudo aquilo relacionado ao gênero feminino estaria presente na própria estrutura da esfera pública, desde os costumes e hábitos culturais, até a economia, vagas de emprego e funções dentro da sociedade contemporânea democrática e capitalista.

“(…) a explicação de Habermas não consegue teorizar o caráter patriarcal e mediado pelo dinheiro e pelo poder, da dominação masculina na esfera doméstica do mundo

JÚLIA SILVA LOBO CAMPOS

da vida do capitalismo tardio. (...) E tende a replicar, em vez de problematizar, um importante apoio institucional à subordinação das mulheres no capitalismo tardio, qual seja, a separação, baseada no gênero, entre a economia (regulada pelo Estado) do trabalho remunerado e do bem-estar social segmentados por sexo e a esfera pública dominada pelos homens, de um lado, e a criação privatizada das crianças pelas mulheres, de outro. Assim, embora Habermas queira criticar a dominação masculina, suas categorias diagnósticas desviam a atenção para o outro lado, para o problema alegadamente predominante da reificação neutra em termos de gênero". (FRASER, 2024a, p.68)

A crítica que Fraser realiza sobre Habermas diz respeito, então, a falta de consideração às relações específicas de gênero. Essas, são capazes de revelar uma camada muito mais além de subordinação que a simples distinção entre público e privado, demonstrando a dificuldade de acesso de participação social e política colocada a grupos específicos de sujeitos entendidos como inferiores por seu gênero, etnia, classe social e sexualidade.

Em sua elaboração teórica, Fraser alinha a questão da subordinação a muitos grupos excluídos das esferas de tomadas de decisão e, por isso, subordinados às vontades de uma minoria dominante também operante de um sistema complexo de sociedade. É a junção da economia capitalista com partes da política democrática que cria um meio híbrido de dominação social responsável pelas principais injustiças sociais próprias da contemporaneidade.

Por isso, para a autora, a resposta ideal não se encontra somente nas transformações sociais ou econômicas. Mas, a proposta aqui se concentra em uma ação multifacetada que atinja a economia e a cultura por meio da política igualitária com foco naqueles sujeitos mais prejudicados pelo funcionamento do sistema (FRASER, 2024a, p.240). Dessa forma, Fraser é entendida como uma das representantes de outra geração da Teoria Crítica, por ter em seu horizonte a criação de um diagnóstico de tempo presente que visa a possibilidades de emancipação de todos os sujeitos de sua época.

Com uma análise inicialmente centralizada na noção de justiça, a filósofa foi capaz de expandir sua contribuição teóricocrítica através das correntes feministas e da crítica à Habermas até atingir o próprio sistema dominante de todas as esferas que compõem a vida dos sujeitos contemporâneos. O capitalismo, da forma que se apresenta hoje e com suas transformações, se une ao objeto de estudo de Fraser para elucidar cada vez mais as formas possíveis de realização da Crítica de modo compromissado com a emancipação de todos.

### **3. A teoria anticapitalista de Nancy Fraser**

Fraser dispõe de suas análises sobre o tempo presente para atingir o tema do sistema capitalista em suas variações e formas de estruturar as sociedades. Com isso, a autora amplia e especifica seus estudos ao mesmo tempo, pois demonstra como o próprio capitalismo é aquele fator inserido em diferentes estruturas de subordinação e desigualdade, sendo causa e consequência das relações inerentes aos âmbitos social, político, econômico, cultural e ambiental (FRASER, 2024b, p.13).

As muitas formas já assumidas pelo capitalismo ao longo da história da humanidade evidenciam o poder que esse possui em relação ao todo que constitui as sociedades até os dias de hoje. A crítica ao sistema, alvo da Teoria Crítica partindo daquilo mesmo que Marx teorizou sobre o tema, assume um papel crucial para compreender o conceito de emancipação referente as formas de vida contemporânea.

A partir da lente feminista - que, como já abordado, é capaz de revelar as relações criadas entre os espaços públicos e privados, economia, política e sociedade, - avaliar em que medida as mutações sofridas pelo capitalismo alteram a lógica dominante nas esferas da coletividade se torna possível em sentido de manter o horizonte aberto para formas de emancipação com protagonismo de sujeitos criticamente conscientes.

Fraser demonstra como as diferentes crises enfrentadas no mundo de hoje, como as mudanças climáticas, os abalos na democracia e o ressurgimento de movimentos ultradireitistas e conservadores, por exemplo, explicitam a crise própria do sistema capitalista (FRASER, 2024b, p.16). Uma estrutura que devora a si mesma e tudo aquilo criado por ela. Por frequentemente envolver em seus diagnósticos a articulação das muitas dimensões que constituem a realidade dos sujeitos contemporâneos, Fraser critica a economia capitalista e demonstra seu ápice no formato do neoliberalismo. Chamando a atenção para a não hierarquização entre essas esferas, a filósofa expõe de modo declarado algumas das questões que já estariam presentes em seus escritos anteriores.

Quando analisa em primeira fase a relação entre o cuidado e a proteção social, Fraser coloca o debate reconhecimento/distribuição pela lente feminista e, com isso, proporciona uma abordagem atual e relacionada com as transformações do capitalismo. Assim, pode relacionar a crise que tais elementos vivem hoje a um momento de ebulição do capital no mundo contemporâneo (FRASER, 2020, p.16).

Reunindo temas atravessados pela estrutura capitalista e suas consequências para os sujeitos contemporâneos, Fraser demonstra que não há coincidências em relação à organização dos grupos dominantes nas sociedades. Seja atualmente como em séculos passados de colonização e exploração territorial, o ponto comum em torno da proliferação de riquezas através da desigualdade de oferta dessas é o ponto crucial que gerencia a ordem simbólica de valor nos grupos sociais.

“Dispensando a relação contratual pela qual o capital compra ‘força de trabalho’ em troca de salários, a expropriação funciona *confiscando* capacidades humanas e recursos naturais e *convocando-os* para circuitos de expansão do capital. O confisco pode ser escancarado e violento, como na escravização no Novo Mundo, ou velado, sob o manto do comércio, como nos empréstimos predatórios e nas execuções de dívidas da era atual. (...). Os recursos confiscados podem ser trabalho, terra, animais, ferramentas ou depósitos minerais e energéticos, mas também podem ser seres humanos, suas capacidades sexuais e reprodutivas, seus filhos e os órgãos de seus corpos. O essencial, no entanto, é que as capacidades recrutadas sejam incorporadas ao processo de expansão de valor que define o capital”. (FRASER, 2024b, p.64)

Por essa razão, o capitalismo não deve ser entendido apenas como uma manifestação da área da economia. Mas, como uma organização extensa que detém poder sob tudo que constrói a estrutura social como a conhecemos. E, ainda, imensa ao ponto de inflamar com seu mecanismo a sua mesma forma de agir, destruindo seus elementos por dentro e por fora do arranjo que pertence.

Inserida nessa interconexão de crises, Fraser permite que seja realizada uma crítica abrangente em relação a muitos tipos de injustiça, de modo que demonstra como o sistema capitalista age inerente a cada uma delas. As formas de subordinação étnica e racial, a estrutura do cuidado e a dependência econômica, as ameaças à democracia em nível mundial e a crise climática unida a movimentos de negacionismo da mesma evidenciam partes da estrutura do tempo presente que tem como comando o modelo neoliberal de exploração e perpetuação da lógica do lucro sobre as subjetividades e conflitos sociais.

Todas as questões colocadas pela autora fornecem pontos de vista sobre a realidade contemporânea de modo a propor uma profunda reflexão sobre a dinâmica de funcionamento do capitalismo. Não apenas hoje, mas sua teoria proporciona uma investigação histórica a respeito da atuação do capital nas relações sociais de séculos anteriores ao nosso e elucida as raízes primeiras das lógicas de exploração e reprodução desse sistema responsável por muitos dos conflitos sociais de nosso próprio tempo.

Por compreender o cerne das problemáticas estudadas no sistema por si mesmo, encontra-se em Fraser uma declarada necessidade de repensar esse modelo de sociedade da



atualidade, em que opera a ordem neoliberal e seus efeitos de subordinação de todas as esferas mais que existem na realidade social. Quando tratava ainda do conceito de remédios afirmativos e transformativos (FRASER, 2024a, p.238), há uma determinada interpretação do capitalismo no sentido de dismantlar toda sua estrutura ou promover pequenas mudanças nos resultados e manter o sistema da mesma forma que se encontrava.

Em ambas construções teóricas se faz possível interpretar os conflitos sociais através da atuação do capitalismo como um esqueleto robusto e repleto de arestas comandadas por esse mesmo. De modo mais velado ou declarado, ele está presente em todas as áreas da vida, interferindo até mesmo nos espaços em que não seria abertamente percebido – como a esfera doméstica e as relações familiares.

Desse modo, Fraser passa a defender um urgente exercício de repensar a lógica do sistema como meio de combater as crises geradas por ele e promover aquela igualdade de status capaz de atingir formas de justiça social e em vista de emancipação também. O feminismo segue como uma lente importante para transformar a realidade, através da forma como o gênero foi definido durante todo o tempo por essa grande estrutura. Esse constitui-se como uma frente revolucionária que junto à demais movimentos sociais é capaz de questionar o capitalismo em seus segredos mais íntimos e originários, por terem sido interpretados de maneira tão inerente a ele.

“(…) cada forma da sociedade capitalista abriga uma profunda contradição social ou tendência à crise: por um lado, a reprodução social é uma condição de fundo necessária para a acumulação sustentada de capital; por outro, o ímpeto de acumulação ilimitada do capitalismo o leva a canibalizar as próprias atividades reprodutivas sociais do que depende”. (FRASER, 2024b, p.91)

A questão colocada em pauta por Fraser aqui faz parte de uma tentativa teórica amplamente construída, organizada para evidenciar as interações existentes entre as crises de diversas áreas da vida contemporânea e que possuem o capitalismo como denominador comum. Assim, a saída para esses conflitos pode também ser pensada de forma conjunta e elaborada por uma crítica que ao mesmo tempo avalie suas características e projete seu horizonte de futuro possível.

Futuro esse que, para a autora, não precisa passar por uma estrutura capitalista. Porém, é a ideia de um arranjo societário que assimile formas mais justas de política e economia que parece ser capaz de superar as problemáticas da atualidade. Elementos democráticos se fazem relevantes nessa elaboração por justamente comporem de modo teórico conceitos relativos à

igualdade e diversidade a partir do protagonismo de todos os sujeitos que compõem um corpo social (FRASER, 2024b, p.226).

A noção de protagonismo social é o fator que fornece à emancipação a característica de seu próprio tempo, em que os sujeitos contemporâneos detêm a possibilidade de participar e se identificar de forma não sujeita a estruturas de dominação que levam à desigualdade social e obedeçam a regras e burocracias do lucro e da exploração de recursos naturais e humanos.

#### **4. Participação política e construção de identidades como emancipação**

Através da visão de Fraser a respeito do sistema capitalista e todos seus escritos anteriores sobre as transformações e movimentos da sociedade, é possível promover novas reflexões práticas e teóricas inseridas no âmbito de estudos da Teoria Crítica. Entender o que o conceito de emancipação significa para os dias atuais exige que seja realizado um diagnóstico do tempo presente que apresente o futuro possível dos sujeitos de acordo com as características do mundo contemporâneo. Contemporaneidade essa que é formada pelos diferentes elementos do passado criado e repensado pela própria ação humana e as consequências de suas interações com vontades, desejos e necessidades específicas.

Destacar o papel do sujeito enquanto ser crítico e dotado de capacidades comunicativas se faz decisivo em razão da relação existente entre os muitos sistemas de valor e estruturas que os compõem e os seres humanos. Desde a crítica da sociedade capitalista e a noção de alienação desenvolvida por Marx (MARX, 2004, p.121), passando por Habermas e a teoria da comunicação e da esfera pública, até atingir Fraser e a crítica do capitalismo em todas as suas modificações até os dias atuais.

A partir de uma análise que tenha a lente do movimento feminista como medida de avaliação, é possível aprofundar a investigação sobre as desigualdades e injustiças sociais que acontecem com determinados grupos da sociedade nos dias de hoje. Como teorizado por Fraser e outras teóricas importantes para esse ramo de estudo, ao dispor da diferenciação e subordinação causada pelo gênero são reveladas camadas menos superficiais de muitos outros tipos de dominação social.

Para além de sua revelação, compreende-se formas possíveis de enfrentá-las de uma maneira alinhada com as mudanças do sistema capitalista e as raízes que esse tem deixado nas

interações sociais ao longo dos séculos. Se muitos dos autores teóricos críticos concluíram sobre a importância da formação de uma consciência crítica capaz de enfrentar a consciência social de dominação criada inerente ao tipo de sistema econômico, para a contemporaneidade é necessário entender a formação de sujeitos críticos de sua própria realidade no sentido de identificar a sua subordinação e, em consequência, a origem dela e como combatê-la.

Com Habermas, foi exposta a importância da realização da igualdade entre todos os sujeitos inserida no contexto da democracia enquanto modalidade política. Os procedimentos democráticos aliados ao ideal de participação igualitária consolidaram-se como meio de contenção das tentativas de dominação do discurso (HABERMAS, 2022, p.195). Falas e narrativas que muitas vezes seriam capazes de minar uma esfera de privilégios e tratamentos desiguais entre os sujeitos, criando um sistema de merecimento capaz de nivelar diferentes sujeitos em escalas de acesso a itens da dignidade humana.

Como o próprio conceito de dignidade propõe, essa é uma condição presente na qualidade de ser humano, o que une a todos aqueles que habitam o mundo pela categoria da universalidade (HABERMAS, 2012, p.12). Por isso, a esfera habermasiana demonstra como igualar a etapa do discurso e da opinião pública pode combater as injustiças sociais, visto que é partir da ação da comunicação que muitas ideias são transformadas em políticas e podem causar impacto no futuro da sociedade, tornando-a emancipada e crítica em modalidade individual e coletiva. Entretanto, com Fraser, entende-se como pensar essa participação política de forma mais abrangente que a proposta de Habermas, avaliando as relações de poder que permeiam todas as estruturas sociais – as quais a esfera pública não está imune. Por se localizarem de maneira totalizante, essas relações acabam por não permitir um enfrentamento completo das injustiças, sendo suas próprias origens e mantendo uma ordem social que perpetue tal comportamento em todas as áreas da vida dos sujeitos.

“Sob o capitalismo, nos é negada a capacidade de participar de decisões fundamentais sobre quem somos ou queremos ser e sobre qual é nossa forma de vida e qual deveria ser. Então, nossa democracia está severamente comprometida, pois decisões desse tipo e dessa magnitude deveriam ser organizadas democraticamente. O capitalismo trunca a democracia ao restringir a agenda política. Trata o que deveriam ser questões políticas centrais como ‘econômicas’ e as entrega às ‘forças do mercado’. Mas isso não é tudo. A apropriação privada do excedente social também restringe nossa *autonomia*, nossa habilidade coletiva de assumir um papel ativo enquanto autores conjuntos de nosso processo coletivo de vida. O capitalismo nos impede de poder fazer isso com o excedente da sociedade, portanto há pelo menos três ideias envolvidas no processo: participação, democracia e autonomia”. (FRASER, JAEGGI, 2020, p.151)

Os ciclos de poder que envolvem os espaços de tomada de decisões, então, também são atuantes na formação da sociedade e suas características simbólicas. Como fenômeno da contemporaneidade, é possível observar as alianças realizadas entre muitos movimentos sociais e pautas econômicas que são enraizadas nas formas de poder dominantes e exclusivos. Alas do movimento feminista que não são conscientemente críticas sobre as desigualdades raciais, étnicas e de orientação sexual; grupos culturalmente recortados que diminuem os danos causados pela precarização da esfera do trabalho; sujeitos pertencentes a grupos “minoritários” que defendem pautas antidemocráticas na política; casos assim exemplificam a criação de elos entre a estrutura de poder e as mudanças sociais. Entretanto, em ausência da crítica desse próprio poder, tais uniões também se tornam responsáveis pela perpetuação de muitas das desigualdades existentes hoje.

Desse modo, ao encarar o neoliberalismo e seus mecanismos de ação social, também se encara as mudanças sofridas pelos sujeitos contemporâneos que vivem inseridos ao grande sistema capitalista, ocupando todos os espaços – inclusive aqueles potencialmente críticos de sua forma de agir. As transformações observadas são extremamente variadas e atravessam os sujeitos de múltiplas formas, simultaneamente também.

Perceber a realidade tal como ela se apresenta hoje representa compreender como as instituições políticas e os movimentos sociais são perpassados e englobados no sistema econômico neoliberal. Sendo a dominação do capital envolvente de toda a vida dos sujeitos, no momento em que esse entra em crise tudo aquilo que existe em função e/ou subordinação a ele também são afetados (FRASER, 2024b, p.173), de modo que a relação de dependência é franqueada e demonstrada como um caminho extremamente ambíguo.

Pela lógica neoliberal fundamentar-se na prática de exploração e apropriação totalizante, a tendência do sistema é também ser autodestrutivo, corroendo por dentro a sua própria estrutura. Assim, ao mesmo tempo que se revela sua verdadeira face de violação de seus elementos, resta uma janela de oportunidade para que todas as suas arestas possam constituir-se como oposição à dominação.

A partir do momento em que o neoliberalismo utiliza a narrativa da diversidade, da participação política e da identidade para aproximar as necessidades dos sujeitos das suas, cada sujeito também adquire a chance de transformar a sua realidade mesma. Desse modo, buscar participar politicamente e construir identidades podem ser compreendidas como forma de luta contra as desigualdades e injustiças sociais. É um ato simultâneo de elaboração de

novas estruturas que só podem nascer de maneira a opor-se àquela que a originou, pois – mesmo com todas as suas transformações – segue sendo contraditória em si mesma.

Os instrumentos do sistema capitalista mudaram, pois, os sujeitos mudaram também. Assim, através da ação protagonista dos sujeitos, a participação política e as novas formas de identificar-se socialmente se constituem como maneiras de emancipação capazes de existir em um sistema distinto ao do capitalismo. A possível existência de um futuro emancipado hoje passa pela discussão de construção de espaços políticos com ampla participação junto ao reconhecimento dos modos vastos de identificação e pertencimento social (FRASER, 2020, p.197).

O neoliberalismo, sendo capaz de influenciar a formação e o agir desses dois pilares, pode também ser transformado e disputado por eles mesmos. O momento da crise do capital, evidencia aquilo que a crítica demonstra através da visão da diferenciação do gênero, das etnias, disparidades territoriais e demais formas de subordinação sociais. Pensar como as identidades são construídas pelo neoliberalismo permite compreender que essa estrutura pode ser modificada e fornece possibilidades para aliar teoria e prática de modo crítico em busca de formas de vida emancipadas.

## **5. Considerações finais**

Pensar a participação política e a construção de identidades hoje como forma de emancipação auxilia a elaboração teórica para a diminuição das desigualdades e injustiças sociais. Inserida no contexto do capitalismo neoliberal como meio de dominação totalizante, refletir sobre meios de resistência e enfrentamento das estruturas de subordinação passa por questões referentes à relação entre democracia e capitalismo unido à temas latentes dos conflitos da sociedade atual, como a crise ambiental e climática e os diferentes grupos sociais existentes.

A crítica que Fraser realiza sob a perspectiva de Habermas da esfera pública introduz a questão da análise de poder no tema, ao perceber que o domínio concretizado pelo sistema econômico capitalista se espalha e tem controle de todas as áreas da vida dos sujeitos. Trazendo uma visão filosófica feminista, a autora consegue ampliar aquilo já exposto por

Habermas, resgatando um viés de diagnóstico de tempo da Teoria Crítica e relacionando seu próprio significado à noção de percepção de conflitos de seu próprio tempo.

“Na minha opinião, até agora ninguém melhorou a definição de teoria crítica de Marx, de 1843, como ‘o autoesclarecimento (...) da época sobre suas lutas e desejos’. O que é tão atraente nesta definição é seu caráter francamente político. (...). Se as lutas que contestam a subordinação das mulheres figuram entre as mais significativas de determinada época, então uma teoria social crítica para essa época teria como objetivo, entre outras coisas, lançar luz sobre o caráter e as bases de tal subordinação.” (FRASER, 2024<sup>a</sup>, p.33)

Valendo-se da lente da subordinação de gênero, Fraser demonstra os conflitos mais elementares inerentes à estrutura do capitalismo. Com isso, a autora pode propor pensar a emancipação e realizar conclusões inseridas na Teoria Crítica a partir de uma postura anticapitalista. Constatando uma crise generalizada do sistema que é propagada para os demais ramos da realidade contemporânea dominada pelo arranjo dominante, avalia-se formas variantes possíveis do horizonte de emancipação que pode ser alcançado a partir das transformações causadas em luta contra os mecanismos de hegemonia do capital.

O resultado final da disputa é justamente o ponto que pode causar indagações à teoria de Fraser, visto que a possibilidade de uma elaboração pós-neoliberal se constrói de maneira abstrata. A autora ainda abre questões a respeito de uma nova virada do socialismo que pode vir a se concretizar nas sociedades do futuro (FRASER, 2024b, p.205), ou até mesmo algum tipo de fórmula híbrida entre economia e política.

O fator que se apresenta como indispensável para teorizar de maneira crítica essa realidade contemporânea está concentrado na dinâmica das relações sociais e nos desdobramentos das escolhas realizadas por cada sujeito. Esse elemento já presente em muitas das contribuições anteriores alinhadas à Teoria Crítica demonstra-se como capaz de acolher as variadas transformações já sofridas pelas sociedades ao longo dos anos de história da humanidade e, por isso, pode apresentar de modo simultâneo quem são os sujeitos de hoje em razão de quem eles foram antes.

Dessa mesma maneira, atravessar a história pelas ações humanas significa investigar as transformações dos sistemas de dominação, visto que a interdependência entre eles se mantém no centro dos conflitos sociais. O capitalismo em todas as suas manifestações é a grande esfera que imprime muitos dos dilemas sociais assistidos nos dias atuais. Por isso,

quando analisados os pontos de tensão do passado histórico encontra-se também os núcleos de disputa dos dias atuais.

Sendo a questão da relação entre política, economia e sociedade presente em todo esse caminho teórico já percorrido, compreender a participação política e a construção das identidades permite investigar as formas de subordinação do capital de modo próximo ao problema de fato. Tais pilares revelam diferenciações de variados tipos (gênero, raça, classe, entre outros) e colocam o capitalismo em seu formato neoliberal no holofote da discussão, explicando a crise em que esse vive pelo seu próprio mecanismo de ação.

## Referências

- BENHABIB, Seyla. *Critique, Norm and Utopia*. NY. Columbia University Press. 1986.
- FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a democracia e o que podemos fazer a respeito disso*. Autonomia Literária. 2024b.
- FRASER, Nancy. JAEGGI, Rahel. *Capitalismo em debate: uma conversa na Teoria Crítica*. Tradução de Nathalie Bressiani. Boitempo. 2020.
- FRASER, Nancy. *Destinos do feminismo: do capitalismo administrado pelo Estado à crise neoliberal*. Tradução de Diogo Fagundes. Boitempo. 2024<sup>a</sup>.
- HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. Tradução de Denilson Luís Werle. São Paulo: Unesp. 2018.
- HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. Tempo Brasileiro, 1997.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R. Kothe. Tempo Brasileiro. 2003
- HABERMAS, Jürgen. *Sobre a constituição da Europa*. Tradução de Denilson Luis Werle, Luiz Repa e Rúrion Melo. Editora Unesp. 2018.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria da ação comunicativa (Vol. I)*. Editora Unesp. 2022.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Jesus Ranieri. Boitempo. 2004.

*Data de submissão: 29/08/2024*

*Data de aprovação: 25/10/2024*